

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Conversando Heteronimicamente com a Esquizoanálise.

A serviço de que olhar está a psicologia?

Marina Chansky Cohen

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Conversando Heteronimicamente com a Esquizoanálise.

A serviço de que olhar está a psicologia?

Marina Chansky Cohen

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia, sob
orientação do Prof. Sergio Wajman.

SÃO PAULO

2012

“A loucura, longe de ser uma anomalia, é a condição normal humana. Não ter consciência dela, e ela não ser grande, é ser um homem normal. Não ter consciência dela e ela ser grande, é ser louco. Ter consciência dela e ela ser pequena é ser desiludido. Ter consciência dela e ela ser grande é ser gênio.”

Fernando Pessoa

“Tudo é possível, sem dúvida.”

Gilles Deleuze e Félix Guatarri

Agradecimentos

Sergio Wajman, por me orientar e compartilhar minhas ideias, tratando-as sempre como possíveis.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, por terem escrito tudo o que escreveram e por me emprestarem alguns de seus conceitos.

Fernando Pessoa e todos os seus heterônimos, por acolherem, muitas vezes, minhas angústias e por me emprestarem suas palavras e sua multiplicidade.

Isadora Cohen, pelo tempo dedicado a as revisões dos meus textos e seus comentários sempre acadêmicos, inteligentes e sensíveis.

Pedrinho Beresin, por sua leitura atenciosa e dedicada, seus comentários preciosos e nossas conversas inspiradoras.

Camila Djurovic, por seu brilho, inteligência e sinceridade ao ler meus textos.

Flávia Borger, Glenda Beigler e Laura Tabacof, por não deixarem morrer minha vontade de transformar e criar.

Luis Oliveira, por estar ao meu lado e ter uma escuta tão acolhedora, silenciosa, atenciosa e amorosa.

Minha família, por tornar possível minha formação na PUC-SP e por sempre acreditar em minhas potencialidades.

E a todos que me ouviram falar sobre tudo que passava na minha cabeça ao longo deste processo e que, direta ou indiretamente, participaram desta criação.

Nome do autor: Marina Chansky Cohen

Título do trabalho: Conversando Heteronimicamente com a Esquizoanálise. A serviço de que olhar está a psicologia?

Orientador: Prof. Sergio Wajman

Ano: 2012

Resumo

Para discutir a questão proposta no título do trabalho – a serviço de que olhar está a psicologia? –, exponho e exploro aqui os sentidos de alguns conceitos esquizoanalíticos, como rizoma, corpo sem órgãos, concepções de subjetividade e desejo, entre outros; conceitos estes que, a meu ver, são de fundamental importância para tal discussão.

O formato escolhido para abordar esta discussão foi o de um diálogo entre mim, textos esquizoanalíticos e poemas do poeta Fernando Pessoa e seus heterônimos. A heteronímia deste poeta dialoga diretamente com a noção de subjetividade compreendida pela esquizoanálise e usada como base neste trabalho, bem como muitos temas tratados em seus poemas vão ao encontro da discussão que está aqui sendo feita.

Palavras-chave: Desterritorialização, Rizoma, Desejo, Corpo sem Órgãos, Heterogeneidade e Heteronímia.

Sumário

I – Introdução.....	1
II – Rizoma – começemos pelo meio.....	9
III – Da questão do sujeito à subjetividade.....	16
IV – Desejando.....	25
V – Transitando sobre o Corpo se órgãos.....	35
VI – Extrodução (ou Sem-clusão).....	43
VII – Referências Bibliográficas.....	50
ANEXO: Anotações (roubadas) sobre alguns conceitos.....	51

Introdução

Ao ler meu projeto de pesquisa, meu orientador me fez a seguinte questão: Se a sua intenção é propor o heterogêneo, então por que seu método se estrutura de forma tão ortodoxa e linear? E foi a partir deste momento que meu trabalho começou. Com isso, percebi que não pretendia chegar a qualquer conclusão sobre a obra de Fernando Pessoa a partir dos conceitos esquizoanalíticos. *Toda obra fala por si, com a voz que lhe é própria, e naquela linguagem em que é pensada, quem não entende, não pode entender, e não há pois que explicar-lhe. É como fazer compreender a alguém, espaçando as palavras no dizer, um idioma que nunca aprendeu.* Meu intuito então passou a ser sim transitar sobre a heteronímia deste autor com o intuito de questionar qualquer visão de loucura que se coloque como instituição. *Toda obra é uma viagem*ⁱⁱ. O que difere a heteronímia da psicose, estrutura tão estudada pela psicologia? Assim como esta, outras mil questões começaram a borbulhar dentro de mim.

Quais são as amarras que nos prendem a certas normas e que, muitas vezes nos impedem de criar? O que nos prende a certos olhares viciados, viciadas formas de agir e falar? A psicologia está a serviço deste olhar viciado ou esta deve permitir rupturas frente ao estabelecido, permitir linhas de fuga? A loucura existe a partir do momento que existe a possibilidade de criar? Como conseguir colocar nossas próprias loucuras em instituições sem que enlouqueçamos? Como criar outras instituições que permitam novas formas de loucuras? Cabe ressaltar que meus questionamentos aqui não se fazem no sentido de criticar alguma concepção de loucura específica, mas de alertar para o fato de que temos sempre que questionar tais concepções enquanto teorias passíveis de explicar toda e qualquer forma de loucura. A meu ver, a psicologia tem que sempre se perguntar se sua atitude frente à loucura está servindo como mantenedora de uma ordem na qual a loucura é marginalizada, e, assim, contribuindo para sua institucionalização; ou se esta tem seu papel em legitimar a loucura como potência criadora.

Tantas questões despertaram em mim uma vontade de criar. Percebi que as questões me motivavam muito mais do que as possíveis respostas que poderia encontrar. E, assim, minhas questões me levavam a mais questões, que não pretendiam ser concluídas. A partir destas, fui me aproximando dos pensamentos de Gilles Deleuze e Felix Guattari, a esquizoanálise e suas veredas. Com isto, fui eu mesma me desamarrando, rizomaticamente. *Desenganemos-nos (...) da vida e dos modos. Fugamos a sermos nósⁱⁱⁱ.*

Para realização do meu trabalho, não me pareceu suficiente falar sobre a esquizoanálise, mas sim sentir, entrar e transitar por esta. Não adiantaria aqui chegar a alguma conclusão que relacionasse a obra heteronímica de Fernando Pessoa e o conceito de desejo proposto pela esquizoanálise, como era minha primeira ideia. Parecia-me fazer mais sentido transitar por esta questão de forma rizomática; ou seja, não pelo começo e nem com algum fim esperado, mas pelo meio e de forma aberta para outros meios que se abrissem. Não bastaria supor que o desejo, tal como cartografado pela esquizoanálise, está distante de nossas concepções de loucura, se eu mesma não me arriscasse em experimentar este desejo. Neste sentido, comecei a me perguntar: qual é o lugar do desejo da pessoa tida como louca diante de padrões de normalidade estabelecidos em nossa sociedade? E a pessoa dita normal, inserida em instituições tidas como produtivas, esta consegue desejar?

Desejo aqui entendido como produção de produção, sem limites, não como pretendendo um produto ou uma completude; desejo que movimenta, eternamente incompleto. Desejo que desestabiliza, desterritorializa, desafia. A possibilidade de criarmos algo novo passa pela ruptura, ou pela não adaptação, de modelos estabelecidos. Minha única pretensão é provocar no leitor tal desestabilização, deslocá-lo de possíveis certezas ilusórias e provocar questionamentos. *E eu possuo-me outra vez no meu sonho errante^{iv}.* Gostaria de criar movimento no meu próprio trabalho, ao invés de apenas defender o movimento em nossas conclusões acerca da loucura. A psicologia se realizando enquanto território, enquanto código ou teoria, nos distancia da desterritorialização que propõe o desejo da loucura. *Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-*

lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço^v. Um desejo que nos tira da ordem.

Com isso, o método que se fez possível foi o rizomático. Não que este método exista enquanto tal - pode parecer até contradição falar do rizoma enquanto método -, mas com este consegui a possibilidade de entrar e sair do meu trabalho pelo meio, *o eterno estar no bifurcar dos caminhos^{vi}*, criando. Criar aqui significa não territorializar os fluxos desterritorializantes que surgiram no meu encontro potencializante com a esquizoanálise e a obra do Fernando Pessoa. Não ordenar, mas seguir esta linha de fuga, mesmo sem saber onde ela pode dar. Desejar. Chegar a alguma conclusão aqui tiraria o valor criador deste encontro; assim como, suponho, chegar a conclusões sobre a loucura nos distanciaria do encontro com esta. *Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... E isto porque sabíamos (...) que não éramos uma realidade...^{vii}.*

De acordo com Deleuze e Guatarri (1992), um conceito tem seu valor em servir como instrumento para nossa experimentação real. Ou seja, conceitos não são para fazer reflexão e não trazem uma verdade ou teoria a ser seguida; estes se fazem eficazes a partir das experimentações que fazemos deles. Assim sendo, um conceito não nos espera pronto e completo, interessa para nossa experimentação não apenas o que está explícito neste, mas, principalmente, o que está implícito, o que permite, assim, uma constante criação. Um conceito contribui para formação de novos territórios. Neste sentido, meu trabalho não pretende ser completo, mas uma criação entre dois, onde algo novo passa a existir, fluxos, intensidades. *Não considero minhas “cartografias esquizo-analíticas” como doutrinas científicas (...) convido meus leitores a pegar e a rejeitar livremente meus conceitos^{viii}.* As nossas conclusões acerca da loucura, enquanto teorias totais, não nos levarão a lugar nenhum, se farão válidas apenas se servirem de instrumento para nos aproximarem desta, para que possamos experimentá-la.

Como se trata de um encontro, o formato para o meu trabalho será como se retratasse conversas entre mim, a esquizoanálise e Pessoa. *Nenhum de nós sabendo se o outro não era ele próprio, se o incerto outro viverá^{ix}.* De forma que as palavras dos autores estarão em itálico no meio das minhas ao longo do

texto. Falarei heteronimicamente a partir de todas estas vozes. Assim como Fernando Pessoa, eu senti a necessidade de desterritorializar minha identidade, precisei de outras palavras para construir minhas ideias. *Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens estas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimento e idéias, os escreveria*^x.

Assim sendo, meu convite aqui é que ainda o leitor entre nesta conversa com a sua voz, e com mais quantas outras vozes e heterônimos quiser trazer consigo. Apenas assim algo poderá ser criado, criação entre dois; apenas assim, algo acontecerá. Nesta conversa, que não respeita uma ordem ou tempo linear, e nem mesmo o leitor tem que o fazer, muitas citações são feitas, como é de se supor que seria uma conversa. Desta maneira, considerou-se benéfico ao desenvolvimento e compreensão do texto que as referências não fossem feitas no corpo deste, tal como padronizado no manual acadêmico ao qual este trabalho respeita. Com isto, as referências serão colocadas como notas de rodapé ao fim de cada capítulo, sendo estas de fundamental consulta pelo leitor, uma vez que em uma mesma seção se intercalam trechos não necessariamente da mesma obra ou mesmo do mesmo autor. No entanto, cabe ressaltar que cada seção dialoga principal e fundamentalmente com um texto, ou um platô^{xi}, esquizoanalítico.

Neste mesmo sentido, compreendeu-se também que, para que se criasse um texto mais fluido, não devia se colocar aspas ao começo e final de todos os trechos referidos, mas que estes fossem apenas colocados em itálico para seu destaque; bem como trechos maiores que três linhas não foram colocados uma linha abaixo, o que não se deve ao fato de rejeitar a importância de tal reflexão, ou não julgar que esta mereça destaque, mas por não considerar tal norma coerente ao formato de texto que está sendo proposto aqui. Apenas os poemas de Fernando Pessoa não serão colocados ao longo do texto, mas entre parágrafos, bem como alguns trechos maiores do mesmo autor.

A noção de território utilizada neste trabalho diz respeito a um espaço no qual algum código é constituído. Os termos desterritorialização e reterritorialização também serão colocados aqui relacionados a esta concepção de território. No entanto, este território é composto tanto por códigos como por fluxos. Todo território tem linhas nas quais os fluxos presentes estão bloqueados e outras nas quais os fluxos são mais potencializantes e podem levar a fugas diante do estabelecido. Assim sendo, um processo desterritorializante, tal como propõe se fazer aqui, seria aquele que, a partir destes fluxos de fuga, provoca mudanças da ordem da intensidade, experimentações de todos os tipos em todos os sentidos. Este tipo de processo desestabiliza o território antes constituído. Em contrapartida, um território pode também passar por um processo de reterritorialização, no qual o território anteriormente constituído é reconstituído com ainda mais rigidez, sobrecodificado, repetição do mesmo. *Olhos parados cheios de tédio de ser qualquer coisa, realidade ou ilusão^{xii}.*

Poderia se supor aqui que a loucura seria o sofrimento de quem permanece desterritorializado. Um pouco de território é sempre necessário. Fernando Pessoa talvez tenha encontrado em sua escrita heteronímica a possibilidade deste pouco de território necessário para o acolhimento de sua identidade desterritorializada. *Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravaza qualquer matéria vivível ou vivida^{xiii}.* O desafio é criar, ou desvelar, territórios existenciais que possam acolher e fazer ser vistas as múltiplas formas de subjetividade, sejam estas de qualquer jeito, do jeito que forem; não classificá-las, marginalizá-las ou inseri-las, mas assumir todas como máquinas passíveis de criar, de compor, de movimentar.

Muitas vezes, a figura que compreendíamos de nós se torna obsoleta a nós mesmos, nos tornamos outro, outros, estrangeiros. *A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. Desconhecíamos-nos^{xiv}.* Temos que encontrar, assim, outros territórios para este outro eu, num processo constante de desterritorialização e territorialização. No entanto, não são todas as subjetividades que conseguem lidar bem com este processo. Pode-se dizer então que, neste sentido, se o louco permanece desterritorializado, outras

formas de subjetividades permanecem territorializadas e reterritorializadas a ponto de não suportar toda e qualquer linha de desterritorialização, não questionam o estabelecido a nenhum momento. Nenhum destes processos permite o desejo. *Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa^{xv}.*

Este processo de constante movimento de territórios e de interação com o fora ilustra, em linhas gerais, a concepção de subjetividade tal como está sendo entendida neste trabalho. Para que esta fique ainda mais clara a imagem proposta por Suely Rolnik (1997) se faz interessante. A autora propõe uma viagem pela subjetividade em sete etapas. Nesta viagem, ela delinea a subjetividade a partir de uma relação entre o dentro e o fora e, ainda, entre as forças que transitam entre ambos formando diagramas separados por uma pele. Em outras palavras, a subjetividade é entendida como um recorte do espaço de um modo de ser, estar, pensar, desejar, etc., dentro de uma cultura, ou seja, um fora que influencia estes modos.

Ao longo destas etapas, Rolnik vai desconstruindo esta divisão entre o dentro e o fora de forma que os dois passam a se tornar duas faces da mesma moeda. O dentro e o fora são ao mesmo tempo, paradoxalmente, indissociáveis e inconciliáveis, cada um é o devir do outro. A possibilidade do dentro de uma subjetividade “outrar-se”, está no fora. Ou seja, a subjetividade não é aqui entendida como dotada de estruturas internas, mas como formas de atravessamentos das forças do fora e seus diversos fluxos. *Nenhum de nós tem nome ou existência plausível. Se pudéssemos ser ruidosos ao ponto de nos imaginarmos rindo, riríamos de nos imaginarmos vivos^{xvi}.*

Diversas e incalculáveis são as formas desta dobra se constituir. Dobras mais flexíveis ou menos, subjetividades que lidam melhor ou pior com este constante movimento de territorialização e desterritorialização, ou então reterritorialização. *A nossa atenção sonolenta ao mistério de tudo isso é mole^{xvii}.* Rolnik fala destas subjetividades, nas quais este processo parece não se dar de forma fluida, denominando-os viciados em identidade. Estas se dão numa tentativa de anestesiarse, de forma a se deixar vibrar apenas pelas forças que não questionariam sua suposta identidade. No entanto, mesmo se

anestesiando, as forças do fora continuam em contato constante. Neste caso, a autora considera ter havido uma interrupção do processo, ou seja, uma impossibilidade de lidar com os fluxos que se fazem a todo momento.

Esta concepção de subjetividade retrata seu caráter de movimento, movimento constante de contato com o fora, com diversas e impensáveis possibilidades de ser, constantemente. Ou seja, não entende-se aqui um sujeito estruturado e ordenado internamente, mas um sujeito que contém em si também as possibilidades de seu vir a ser e de seu fora; do que ele ainda não é, do que ela já foi ou, mesmo, do que ele nunca será. Seu desejo se dá neste movimento e, necessariamente, rompe uma ordem anteriormente estabelecida. *A neurose, a psicose não são passagens da vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo^{xviii}.*

Por fim, reforço minhas questões. Como criar novos territórios existenciais que permitam que distintos processos desejanos continuem se processando? Porque estes processos se interrompem? Será que o fora de nossa sociedade não limita as formas heterogêneas, múltiplas, infinitas e impensáveis de subjetividade? Será que este mesmo fora não limita o desejo que desafia sua ordem? Como produzir identidades menos viciadas? Proponho, então, pensarmos a loucura não mais como uma interrupção do processo, mas como algo que nos desafia a criar. Um respiro dos territórios burocráticos, dos discursos estabelecidos e hegemônicos. Na construção de subjetividades heterogêneas a vida se abre, vida viva, criativa e inquietante. *Mas por que é ainda necessário um modelo?^{xix}*

ⁱ Pessoa, 2005, p. 12.

ⁱⁱ Deleuze, 1997, p. 10.

ⁱⁱⁱ Pessoa, 1980. p. 111.

^{iv} Idem, p. 111.

^v Idem, p. 109.

^{vi} Idem, p. 108.

^{vii} Idem, p. 111.

^{viii} Guattari, 1992, p. 23.

^{ix} Pessoa, 1980. p. 111.

^x Idem, p. 131.

^{xi} Deleuze e Guatarri, 1996, p. 20. Platô. Conceito “roubado” de Gregory Bateson (sem o ano) pelos autores. São “regiões de intensidade contínua, que são constituídas de tal maneira que não se deixam interromper por uma terminação exterior, como também não se deixam ir em direção a um ponto culminante”. Para os autores, roubar um conceito quer dizer ser atravessado por um conceito e transmutá-lo de acordo com a sua questão. Uma vez que um conceito nunca se dá de forma completa e tem sua finalidade em ancorar uma experimentação real, um roubo, quer dizer uma criação entre dois.

^{xii} Pessoa, 1980. p. 111.

^{xiii} Deleuze, 1997, p. 11.

^{xiv} Pessoa, 1980, p. 109.

^{xv} Deleuze, 1997, p. 13.

^{xvi} Pessoa, 1980, p. 110.

^{xvii} Idem, p. 110.

^{xviii} Deleuze, 1997, p. 14.

^{xix} Deleuze e Guattari, 1995, p. 35.

Rizoma – começemos pelo meio

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso.”

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para casar com quem eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa raçaⁱ.

há o melhor e o pior no rizomaⁱⁱ. Há o que queremos, mas, também, o que não queremos mostrar. Não apenas o que parece aceitável, coerente com nosso eu. Que eu é este ao qual atribuímos nossa identidade como se esta fosse uma unidade? Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundoⁱⁱⁱ. Para passarmos despercebidos, deixamos de criar; não apenas tornamos despercebido o que nos leva a agir, deixamos de agir. Ação aqui quer dizer traição, fuga. Resta perguntar, então, o que nos fez deixar de criar, do que nos escondemos? Só quem nunca pensou chegou alguma vez a uma conclusão. Pensar é hesitar. Os homens de ação nunca pensam^{iv}.

Este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método^v. O método ao qual se refere aqui seria o que provém e necessita uma raiz, um começo que precede um meio e só então um fim; um método diferente de um rizoma. Não é fácil perceber as coisas pelo meio^{vi}; um rizoma é descontínuo, surge pelo meio, é uma antigenealogia^{vii}. Não se dá a partir de um ponto, mas faz linhas. Linhas que não se encerram, mas criam em si as possibilidades do por vir. Sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível^{viii}.

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade (...) será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe (...). Subtrair o único da multiplicidade a ser construída (...). Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma^{ix}. É sempre no rizoma que o desejo se produz e se move. Recomeçar, trair e desterritorializar sempre pelo meio, criando linhas de fuga. Ao invés de raízes, faz-se rupturas, atravessamentos. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade^x.

Todas as linhas do rizoma devem se ligar e conectar, sem que alguma preceda, ou prevaleça, a outra. O rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”^{xi}. Ligam-se por linhas que não seguem alguma organização ou estrutura significativa, portadora de significado algum. Heterogeneidade, não hegemonia. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas^{xii}. Diversas formas de se multiplicar, sem um formato preestabelecido, ou mesmo um formato estabelecido. Não se poderia definir por um formato, pois se dá a partir de suas constantes conexões, mutando-se. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza^{xiii}. Linhas, cruzamentos, entrecruzamentos. Ao romper com predeterminações, temos que criar constantemente e, assim, temos também possibilidade de reconstrução em qualquer ponto, a qualquer momento... o sagrado instinto de não ter teorias...^{xiv}

*Mas acontece, justamente, que um rizoma, ou multiplicidade, não se deixa sobrecodificar^{xv}. Quando ocorre uma ruptura, corre-se o risco de uma nova estratificação. Quando desterritorializa-se há que tomar cuidado com uma reterritorialização; ou seja, o cuidado se deve a não criar um território ainda mais burocrático e estratificado do que o que se tentou desafiar anteriormente. Pretende-se criar um rizoma, com a capacidade de se desterritorializar constantemente, se questionar, não se definir. A asfixia burocrática impede de criar, assim não se criaria um rizoma, *que opera imediatamente no heterogêneo e salta de uma linha já diferenciada a uma outra^{xvi}*, mas um território com processos rizomáticos interrompidos, adoecido.*

Para isto, um pouco de território é sempre preciso, não se renuncia a todo e qualquer tipo de território, mas aos territórios que estão com suas linhas de fuga interrompidas, sufocadas, inquestionáveis. *Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ela foge sem parar^{xvii}*. A estratificação e a desterritorialização rizomática não se contrapõem ou anulam, elas coexistem; a linha de fuga pode se fazer possível, às vezes, justamente, a partir de um território burocratizado, codificado.

Para além do nada que isto representa, o armazém, até à Rua dos Doradores, enfileira as prateleiras regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o sossego do vulgar. Na vidraça há o ruído do diverso, e o ruído do diverso é vulgar, como o sossego que está ao pé das prateleiras^{xviii}.

Fugindo sem parar cria-se um caminho constante, a ser trilhado e cartografado conforme vai acontecendo. *Fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização^{xix}. Fluir, deixar fluir, acontecer. Acontecer de novo, de outras formas, tornar-se outro. Outros. Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Conjugam os fluxos desterritorializados^{xx}. Errância, abstração, cartografias*

abstratas. *Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas^{xxi}.*

A forma que o rizoma se faz acontecer pode ser comparada à de um mapa, *por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real^{xxii}. É importante que não tenha um ideal a ser seguido no seu acontecer. Ele pode ser rasgado, refeito, quantas vezes precisar. O mapa é aberto, é conectável, em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente^{xxiii}. Tudo sendo dito ao mesmo tempo, intensidades em movimento. Dizer uma coisa falha, não porque sugerir seja melhor, mas porque ser é melhor^{xxiv}. Experimentações em todas as direções. Sempre ressituar os impasses sobre o mapa e por aí abri-los sobre linhas de fuga possíveis^{xxv}.*

O que nós vemos das cousas são as cousas.

Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?

Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos

Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,

Saber ver sem estar a pensar,

Saber ver quando se vê,

E nem pensar quando se vê

Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),

Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender

E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores se não flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.^{xxvi}

Um rizoma, em seu acontecer contínuo, se dá sempre no contato com o fora. Ele é uma dobra do fora, um contorno instantâneo deste acontecimento múltiplo. *As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem a outras*^{xxvii}. Fazer rizoma com o fora, em contato com o fora, politicamente. *O fora não tem imagem, nem significação, nem subjetividade*^{xxviii}. Em conexão com o fora podemos seguir n linhas de fuga e desterritorialização. Criatividade. Criar rupturas com o estabelecido. *Uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades*^{xxix}. Sempre há alguma traição na linha de fuga, pois experimenta o que ainda não está dito e aceito. Bom ou ruim. Com a traição você perde a identidade, vira desconhecido. *Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados*^{xxx}. Rizomáticamente se tornando traidor.

Um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo^{xxxi}. Suponha que esta identidade, a qual tenta-se preservar, se dê na forma de um amontoado de areia. Já se pode supor que este monte de areia seria mais afetável e maleável do que a identidade tida como unidade. Um vento do fora mudaria seu formato. Transfiguraria-se. *Mover-se é viver. Dizer-se é sobreviver*^{xxxii}. Cada combinação de cada grãozinho de areia neste monte seria um novo formato; cada contato com o fora mudaria cada posição de cada grãozinho a cada instante. Que importância teria se tornar desconhecido? O amontoado de areia seria um eterno desconhecido. Abstração. A cada momento, novas possibilidades se desdobram em seu fora. *Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa*^{xxxiii}.

Ao invés de um padrão de identidade, ou subjetividade, ao desejar criam-se diversas possibilidades, de ser, agir, falar, se colocar. Incontáveis, impensáveis formas.

As quatro canções que seguem

Separam-se de tudo o que penso,

Mentem a tudo o que eu sinto,

São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente

E por isso elas são naturais

E concordam com aquilo que sinto,

Concordam com aquilo do que não concordam...

Estando doente devo pensar o contrario

Do que penso quando estou são

(Senão não estaria doente),

Devo sentir o contrário do que sinto

Quando sou eu na saúde,

Devo mentir à minha natureza

De criaturas que sente de certa maneira...

Devo ser todo doente – ideias e tudo.

Quando estou doente, não estou doente para outra coisa

Por isso essas canções que me renegam

Não são capazes de me renegar

E são a paisagem da minha alma de noite,

A mesma ao contrário...^{xxxiv}

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas^{xxxv};

ⁱ Pessoa, 1980, p. 15.

ⁱⁱ Deleuze e Guattari, 1995, p.15.

ⁱⁱⁱ Idem, p.11.

^{iv} Pessoa, 2006, p. 50.

^v Deleuze e Guattari, 1995, p.13.

^{vi} Idem, p. 35.

^{vii} Idem, p.20.

^{viii} Idem, p.14.

^{ix} Idem, p.15.

^x Idem, 37.

^{xi} Idem, p. 37.

^{xii} Idem, p.15.

^{xiii} Idem, p.16.

^{xiv} Pessoa, 2006, p. 51.

^{xv} Deleuze e Guattari, 1995, p.17.

^{xvi} Idem, p.19.

^{xvii} Idem, p.18.

^{xviii} Pessoa, 2011, p. 51.

^{xix} Deleuze e Guattari, 1995, p. 20.

^{xx} Idem, p. 20.

^{xxi} Idem, p. 22.

^{xxii} Idem, p. 22.

^{xxiii} Idem, p. 22.

^{xxiv} Pessoa, 2006, p. 47.

^{xxv} Deleuze e Guattari, 1995, p. 24.

^{xxvi} Pessoa, 2005, p. 49.

^{xxvii} Deleuze e Guattari, 1995, p.17.

^{xxviii} Idem, p. 34.

^{xxix} Idem, p. 24.

^{xxx} Idem, p.11.

^{xxxi} Idem, p. 21.

^{xxxii} Pessoa, 2011, p. 65.

^{xxxiii} Deleuze e Guattari, 1995, p. 23.

^{xxxiv} Pessoa, 2005, p. 40.

^{xxxv} Deleuze e Guattari, 1995, p.18.

Da questão do sujeito à subjetividade

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração¹

estamos diante de uma escolha ética crucial: ou se objetiva, se reifica, se “cientificiza” a subjetividade ou, ao contrário, tenta-se apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual¹. Ao invés de apreender a subjetividade, ou defini-la, propõe-se aqui desprendê-la, retomar os fluxos soltos que a constituem. Objetivá-la, ou compreendê-la enquanto estrutura em si, oculta seu

caráter processual que permitiria movimentos e atravessamentos constantes e dinâmicos. *As interfaces maquínicas são heterogenéticas; elas interpelam a alteridade dos pontos de vista que se pode ter sobre elas*ⁱⁱⁱ. O convite aqui é percebê-la como fluxos de atravessamentos de um fora em movimento. Como máquina. Máquinas. *Dispositivos de subjetivação (...) o que deve caracterizá-los para que saiam da serialidade (...) e entrem em processos de singularização*^{iv}.

Um processo se produz a si todo momento, este não se propõe ao alcance de algum produto, mas de produzir produções e criar sempre novos caminhos para si, se conectar com cada vez mais fluxos. *A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo*^v. Fluxos por toda parte e de todo tipo. Uma subjetividade é uma intersecção de fluxos, não um sujeito estruturado psiquicamente. *Proporemos então operar um descentramento da questão do sujeito para a da subjetividade*^{vi}. Pode-se dizer que tudo é fluxo, pessoa ou coisa. Mas os fluxos coexistem aos códigos. Os códigos controlam os fluxos que estão soltos sem uma finalidade determinada. A subjetividade esquizo funciona de um jeito que recusa os códigos, ou os embaralha a seu modo, desliza sobre estes, singulariza-os. Quer sempre mais fluxos desterritorializantes, recusa os códigos, é subversiva. *É preciso se afastar de uma referência única*^{vii}. Os fluxos atravessam a todos todo tempo, quer queiramos, quer não.

Nessas horas lentas e vazias, sobe-me da alma à mente uma tristeza de todo o ser, a amargura de tudo ser ao mesmo tempo uma sensação minha e uma coisa externa, que não está em meu poder alterar^{viii}.

A existência, enquanto processo de desterritorialização, é uma operação intramaquínica específica que se superpõe à promoção de intensidades existenciais singularizadas^{ix}. A partir do momento em que pensamos a subjetividade como interação de máquinas, passamos a permitir subjetividades que escapam aos dispositivos de saberes hegemônicos, que se movimentam e criam. *A existência não é dialética, não é representável. Mas se consegue vive-*

la^x. Permitimos então singularidades, heterogeneidade, heteronímia. *Sê plural como o universo!*^{xi} A subjetividade é fabricada, se dá no plano de imanência. A tentativa tem que ser de tentar fabricar outras referências, referências mais desterritorializantes. *Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma*^{xii}. Questionar constantemente as referências. *É que tudo se torna possível*^{xiii}.

A produção de subjetividade e desejos se dá coletivamente. *Heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção da subjetividade*^{xiv}. Não se pode postular quais fluxos, ou agentes coletivos, determinam mais ou menos os atravessamentos subjetivos em cada um. *Subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais coletivas e institucionais*^{xv}. Não se pode restringir as incontáveis formas destes atravessamentos se darem exclusivamente às formas de subjetividades dominantes, mais conhecidas ou aceitas, mas sim deve-se permitir *possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar*^{xvi}. Os fluxos subjetivos fluem o tempo todo, estão constantemente se transformando.

Em nossa sociedade, com seus inúmeros dispositivos de controle, propõe-se um padrão de modo de ser quase inabalável, como um território protegido por toda e qualquer turbulência da vida. Não se admite o caos, o inconstante, o movimento, o imprevisível – ou seja, não se permite o movimento desejante. Se oculta o caráter arriscado de viver; o caráter arriscado de ser uma subjetividade sempre em movimento, maquínico, sempre em contato com fluxos de todas as ordens. *Contrariamente, as máquinas heterogêneas, tais como as considera nossa perspectiva esquizoanalítica, não fornecem um ser padrão, ao sabor de uma temporalização universal*^{xvii}.

Tornamo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós o que somos é esfinges falsas e não sabemos o que somos realmente. O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios. O absurdo é o divino.

Estabelecer teorias, pensando-se paciente e honestamente, só para depois agirmos contra elas – agirmos e justificar nossas ações com teorias que as condenam. Talhar um caminho na vida, e em seguida agir contrariamente a por esse caminho. Ter todos os gestos e todas as atitudes de qualquer coisa que nem somos, nem pretendemos ser tomados como sendo^{xviii}.

Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta que dispõe.(...) Em outros termos, não se está mais diante de uma subjetividade dada como em si, mas face a processos de automatização^{xix}. A subjetividade é o que sou agora, ou o que já fui, mas também meu vir a ser. A subjetividade é um processo em mutação, não uma identidade única. A subjetividade é um devir, ou seja, a possibilidade de tornar-se outro, “outrar-se”. Deixar-se afetar, ser afetado. A subjetividade é tudo isso ao mesmo tempo, coletiva e simultaneamente, em movimento.

*A subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos^{xx}. Um sujeito não tem que se definir por algo, mas entrar em contato com algo no real, no plano de imanência. Na imanência da vida podem-se produzir máquinas desejanter criativas que não se adequem as subjetividades, ou formações subjetivas, dominantes. Processos de singularização, criação. Cartografias subjetivas, *uma armadura existencial da situação subjetiva^{xxi}.**

*A subjetividade, de fato, é plural, polifônica (...) ela não conhece nenhuma instância dominante de determinações que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca^{xxii}. A subjetividade é múltipla, povoada por encontros de fluxos, rizomática. Não cabe circunscrevê-la, mas deixar com que ela flua. Deixar ser atravessada por movimentos desejanter. *Ponto de interrogação angustiante^{xxiii}.* Há que se resgatar em nossa sociedade a*

possibilidade de construirmos novos territórios existenciais. *Como certos segmentos semióticos adquirem sua autonomia, começam a trabalhar por sua própria conta e a secretar novos campos de referência^{xxiv}? Permitir o desequilíbrio, o movimento. O equilíbrio dos territórios acaba sendo um mantenedor do mesmo, algo que faz calar o desejo revolucionário em nós. Fazer aparecer universos que estejam ocultos, que por ventura não tenham sido experimentados, ou desejados. Uma singularidade, uma ruptura de sentido, um corte, uma fragmentação, a separação de um conteúdo semiótico (...) podem originar focos mutantes de subjetivação^{xxv}.*

O verdadeiro, o bom, o belo, são categorias de “normatização” dos processos que escapam a lógica dos conjuntos circunscritos. São referentes vazios, que criam o vazio, que instauram a transcendência nas relações de representação^{xxvi}. Não cabe representar, interpretar ou classificar a subjetividade. Temos que abrir espaço para a sua expressão, para sua fuga, para o seu acontecimento, qualquer que seja sua forma de acontecer. Descubrem-se assim tantos tipos de desterritorialização quantos traços de matéria de expressão^{xxvii}. Normatizar, criar códigos ou referência para as subjetividades, não extinguirá o fato de que estas são compostas por movimentos, fluxos e intensidades. Não impedirá que seus incontáveis e impensáveis devires continuem querendo se manifestar. Definir o belo é não o compreender^{xxviii}. Há que se criar fluxos que façam devir outro, outros e cada vez mais alguns. Se deixar afetar por estes fluxos, criar e recriar. A máquina abstrata atravessa todos estes componentes heterogêneos, mas sobretudo ela os heterogeniza fora de qualquer traço unificador e segundo um princípio de irreversibilidade, de singularidade e de necessidade^{xxix}.

Às vezes, em dias de luz perfeita e exata,

Em que as cousas têm toda realidade que podem ter,

Pergunto a mim próprio devagar

Por que sequer atribuo eu

Beleza às cousas.

Uma flor acaso tem beleza?

Tem beleza acaso um fruto?

Não: têm cor e forma

E existência apenas.

A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe

Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.

Não significa nada.

Então porque digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,

Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens

Perante as coisas,

Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!^{xxx}

A subjetividade maquínica, o agenciamento maquínico de subjetivação (...) se instala de algum modo antes e ao lado da relação sujeito-objeto. Ela tem, além disso, um caráter coletivo, é multicomponencial, uma multiplicidade maquínica. E, (...) comporta dimensões incorporais^{xxxi}. A imagem subjetiva de máquinas rompe a ideia de uma estrutura subjetiva em conflito com o mundo a seu redor. Falar em máquinas aponta para o caráter revolucionário da subjetividade, caráter maquínico em contato sempre com outras máquinas no fora, transformação. A máquina depende sempre de elementos exteriores para poder existir como tal^{xxxii}. Não está se falando aqui de uma estrutura psíquica exterior, mas de uma subjetividade com potencial de transformação. Quando

falamos de máquinas abstratas, por “abstrato” podemos igualmente entender “extrato”, no sentido de extrair^{xxxiii}. Máquinas abstratas, ou sem forma, máquinas de velocidades ou lentidões. Dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade^{xxxiv}.

A polifonia dos modos de subjetivação corresponde de fato, a uma multiplicidade de maneiras de “marcar o tempo”^{xxxv}. Maneiras diferentes de marcar o tempo, de perceber o tempo, de aproveitar o tempo, de vivenciá-lo. Maneiras diferentes de estar, pensar, sentir, falar, sofrer, manifestar; maneiras diferentes de universos. Todas estas devem compor nosso fora, todas são máquinas subjetivantes, todas devem criar e recriar territórios, todas devem ser acolhidas, ter um espaço, todas devem afetar e ser afetadas. Todas devem pertencer e também fugir. Não marginalizar, mas criar, compor. Para apreender os recursos íntimos dessa produção – essas rupturas de sentido autofundadoras de existência-, a poesia, atualmente, talvez tenha mais a nos ensinar^{xxxvi}.

Uma vez que as formas de subjetividade são heterogêneas, maquinicas e estão sempre em movimento, temos que, sempre, questionar nossas concepções de loucura. Ao produzir multiplicidades, o louco passa a não ser mais o que não se insere em um suposto padrão de normalidade; não se pode postular tal padrão, *cristalizando Territórios existenciais muito mais desterritorializados^{xxxvii}*. Há que se respeitar a desterritorialização própria do movimento maquinico subjetivo, não tentar constantemente enquadrá-la, repreendê-la, territorializá-la. *Intervenção pragmática voltada para a construção da subjetividade, para a produção de campos de virtualidades^{xxxviii}*, não representar a subjetividade, mas percebê-la também em sua dimensão virtual, indizível, indecifrável, não interpretável, impessoal. A subjetividade em sua dimensão vivida, real, criadora.

No entardecer dos dias de Verão, às vezes

Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa...

*Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...*

*Ah, os nossos sentidos, os doentes que veem e ouvem!
Fossemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos...*

*Mas graças a Deus que há imperfeição no mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma coisa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito o que ver e ouvir
(Enquanto os olhos e os ouvidos se não fecham)...^{xxxix}*

O fato de se formar em Territórios existenciais singulares lhes confere, com efeito, uma potencia de heterogênese, quer dizer, de abertura para processos irreversíveis de diferenciação, necessários e singularizantes^{xl}. Talvez permanecer imóvel sobre nossas certezas fosse mais confortável, mas

a subjetividade é um risco, temos que corrê-lo. É mais complexo do que nossas possíveis conclusões. *Duvido, portanto penso*^{xli},

-
- ⁱ Pessoa, 1980, 104.
ⁱⁱ Guattari, 1992, p. 24.
ⁱⁱⁱ Idem, p. 44.
^{iv} Idem, p. 32.
^v Idem, p. 33.
^{vi} Idem, p. 35.
^{vii} Idem, p. 44.
^{viii} Pessoa, 2011, p. 50.
^{ix} Guattari, 1992, p. 65.
^x Idem, p. 66.
^{xi} Pessoa, 2006, p. 11.
^{xii} Pessoa, 2011, p. 65.
^{xiii} Guattari, 1992, p. 64.
^{xiv} Idem, p. 14.
^{xv} Idem, p. 11.
^{xvi} Idem, p. 17.
^{xvii} Idem, p. 62.
^{xviii} Pessoa, 2011, p. 62.
^{xix} Guattari, 1992, p. 17.
^{xx} Idem, p. 19.
^{xxi} Idem, p. 22.
^{xxii} Idem, p. 11.
^{xxiii} Idem, p. 13.
^{xxiv} Idem, p. 24.
^{xxv} Idem, p. 30.
^{xxvi} Idem, p. 42.
^{xxvii} Idem, p. 50.
^{xxviii} Pessoa, 2006, p. 45. (no original em inglês)
^{xxix} Guattari, 1992, p. 51.
^{xxx} Pessoa, 2005, p. 51.
^{xxxi} Guattari, 1992, p. 37.
^{xxxii} Idem, p. 49.
^{xxxiii} Idem, p. 47.
^{xxxiv} Idem, p. 21.
^{xxxv} Idem, p. 27.
^{xxxvi} Idem, p. 33.
^{xxxvii} Idem, p. 27.
^{xxxviii} Idem, p. 30.
^{xxxix} Pessoa, 2005, p. 67.
^{xl} Guattari, 1992, p. 69.
^{xli} Pessoa, 2006, p. 29.

Desejando

Várias vezes, no decurso da minha vida opressa por circunstâncias, me tem sucedido, quando quero libertar-me de qualquer grupo delas, ver-me subitamente cercado por outras da mesma ordem, como se houvesse definitivamente uma inimizade contra mim na teia incerta das coisas. Arranco do pescoço uma mão que me sufoca. Vejo que na mão, com que a esta arranquei, me veio preso um laço que me caiu do pescoço com um gesto de libertação. Afasto, com cuidado, o laço, e é com as próprias mãos que me quase estranguloⁱ.

qualquer entrada é boaⁱⁱ. Explorar linhas de fuga que questionem o estabelecido e não acabem aprisionadas. Desejar estas linhas, que não interrompam seu processo, que possam criar. Onde está o desejo como produção de produção, o desejo que cria, desterritorializa, desafia? Nos tornamos acostumados a não experimentar maneiras desterritorializantes de desejo, a assumir as possibilidades hegemônicas de desejar como únicas, produzindo o mesmo, o conhecido. Diversas formas de experimentações desejantes podem ser exploradas. No entanto, estas parecem acabar sempre condenadas ao anonimato, à marginalização, ao adoecimento, ou a loucura. A linha de fuga do sistema, que deve ser barrada, conjurada, marcada com um signo negativo, ocupado por uma espécie de bode expiatórioⁱⁱⁱ. Não são percebidas como potências criadoras. Cansa tanto viver! Se houvesse outro modo de vida!...^{iv}

O desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos^v. Ao invés da revolução, da ruptura frente ao estabelecido, o desejo é compreendido como falta que procura algo, um produto essencial para a sua completude. Talvez o desejo seja assim visto para que este não desafie uma suposta ordem. Todo real-desejo já desapareceu: substituiu-se a ele um código, uma sobrecodificação^{vi}. O desejo condenado por sua condição faltante oculta o caráter do desejo como revolucionário. A manutenção deste primeiro aprisiona pela ilusão de que as coisas não podem mudar, deve-se se contentar a sua condição sobrecodificada de incompletude, sofrimento. O desejo perde

seu caráter social e político assumindo um âmbito pessoal e individual de condenação, cada um em sua busca frustrada de se inserir aos modos de desejar aceitos, às instituições que pertencem e que produzem. Oculta-se assim as possibilidades de conexões desejanter criadoras que desafiem estas formas de desejar que se vendem como únicas. *Mesmo individual, a construção do plano é uma política, ela engaja, necessariamente, um “coletivo”, agenciamentos coletivos, um conjunto de devires sociais*^{vii}.

Tanto as pessoas inseridas no seu fazer social, ou seja, cercadas por instituições tidas como produtivas, como as pessoas excluídas e cercadas por instituições que paralisam, não desejam. Não desejam como produção de produção criando e sendo criadas por seu meio social, não desejam como linha de fuga. *E talvez seja assim a cada vez que se pensa o desejo como uma ponte entre o sujeito e o objeto*^{viii}. Se pretende outra forma de desejar há de se produzir, não existem desejos espontâneos, todo desejo é produzido socialmente e produz o social. *A única espontaneidade do desejo: não querer ser oprimido, explorado, subjugado, sujeito*^{ix}.

As precondições para o desejo o tornam impotente. Há que se falar em máquinas desejanter, se conectando e se relacionando com infindáveis desejos, se agenciando e criando agenciamentos. *Você jamais apreenderá um fluxo sozinho*^x. Se o desejo partisse de algo já existente, submeteria-se a uma lei, a um código, um território. *Não há normas. Todos os homens são exceções a uma regra que não existe*^{xi}. Para criar um processo desejanter há que se desterritorializar, correr riscos. *Desejar não é de modo algum uma coisa fácil, mas justamente porque ele dá, em vez de falta*^{xii}. Criar diversas linhas que se entrelacem formando diversos processos que não se proponham a atingir um formato que o defina. *O que há de mais vulgar em todos nós é termos medo de sermos ridículos*^{xiii}.

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.

Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.

Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes.

*Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!*

Produção no plano de imanência, produção de um plano de imanência em meio a um plano de organização estratificado. O plano de imanência seria este no qual o desejar como processo de produção de produção se torna possibilidade, abre cada vez mais possibilidades. *Ele tampouco conhece sujeitos^{xiv}*. Heteronímico. Não se trata de excluir a existência de um plano de organização, da lei, do *desenvolvimento de formas e à formação de sujeitos^{xv}*. O plano de imanência coexiste ao de organização, os fluxos coexistem aos códigos, não se pode livrar do plano de organização. Trata-se de não estratificar esta organização, atravessar os territórios, possibilitar o surgimento do que foge a esta ordem organizada e estabelecida. Deixar fluir, não codificar os fluxos, permitir intensidades. (Não) *Sobrecodificar os agenciamentos para submeter os desejos a cadeias significantes, os enunciados a instâncias subjetivas, que os acordam com exigências de uma ordem estabelecida^{xvi}*.

Longe de supor um sujeito, o desejo só pode ser atingido no ponto onde alguém é privado do ponto de dizer Eu^{xvii}. Dizer eu me defino por - ou acredito em - isso ou aquilo, impõe limite à determinação de um território. Como se assim dissesse, eu pertenço, eu sou aceito. Como se pertencendo eu tivesse o aval para desejar, mas na verdade este mecanismo está longe de ser o que permite o desejo. Este mecanismo territorializa, reterritorializa, ao invés de permitir a desterritorialização. *O que é preciso é cada um se multiplicar por si próprio^{xviii}*. Qualquer mecanismo, ou estrutura não permitiria o desejo, seus fluxos e intensidades. Um processo de reterritorialização reconstrói um território com ainda mais rigidez, repete o mesmo, enquanto um processo desterritorializante desmancha um território provocando mudança, intensidade, desejares. *A questão não é “bilíngüe”, “multilíngüe”, a questão é que toda língua é tão bilíngüe em si mesma, multilíngüe em si mesma, que se pode*

gaguejar em sua própria língua, ser estrangeiro em sua própria língua, ou seja, levar sempre mais longe as pontas de desterritorialização dos agenciamentos^{xxix}.

Nada é, tudo se outra^{xx}. Ao invés de sujeitos que se definam por um Eu, no plano de imanência existem hecceidades, ou seja, apenas graus de potência que se compõem, às quais correspondem um poder de afetar e ser afetado, afetos ativos e passivos, intensidades^{xxi}. Acontecimentos que não são protagonizados por sujeitos, mesmo porque sujeitos são intersecções de fluxos, diversos fluxos sem estrutura fechada, sujeitos são subjetividades maquínicas. Mapas das velocidades e das intensidades (...) elas têm em comum o fato de crescerem pelo meio, de estarem sempre entre; elas têm em comum o imperceptível^{xxii}. Imperceptíveis devires, rizomas que transitam pelo meio, não se propõem a algum objetivo. Ou então a máquina abstrata será sobrecodificante, ela sobrecodificará todo agenciamento com um significante, com um sujeito^{xxiii}.

De quem é o olhar

Que espreita por meus olhos?

Quando penso que vejo,

Quem continua vendo

Enquanto estou pensando?

Por que caminhos seguem,

Não os meus tristes passos,

Mas a realidade

De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra

Do meu quarto, quando eu

*Para mim próprio mesmo
Em alma mal existo,
Toma um outro sentido
Em mim o Universo –
É uma nódoa esbatida
De eu ser consciente sobre
Minha ideia das coisas.*

*Se ascenderem as velas
E não houver apenas
A vaga luz de fora –
Não sei que candeeiro
Aceso onde na rua –
Terei foscos desejos
De nunca haver mais nada
No universo e na vida
De que o obscuro momento
Que é a minha vida agora;*

*Um momento afluyente
Dum rio sempre a ir
Esquecer-se de ser,
Espaço misterioso*

Entre espaços desertos

Cujo sentido é nulo

E sem ser nada a nada.

E assim a hora passa

Metafisicamente.^{xxiv}

O plano de imanência não existe de maneira pré-determinada, assim como o desejo que nele se faz possível. Ambos são constituídos à medida que se constituem, se produzindo continuamente, processualidade permanente. *Este não conhece se não relações de movimento e de repouso, de velocidades e de lentidão, entre elementos não formados, relativamente não formados, moléculas ou partículas levadas por fluxos^{xxv}. Nenhum predomina em relação ao outro, velocidade não é mais que o lento, movimento não transita mais que repouso, todos fluem. Fluxos e intensidades se processando permanentemente. A cada vez, devemos perguntar com o que o fluxo (...) está em relação^{xxvi}. Diferentes linhas que se entrelaçam, se cruzam, formando diversos processos. Desejos sobre um plano de imanência. Hecceidade, acontecimento. Mas o próprio passeio é uma hecceidade (...) constituem devires e processos^{xxvii}.*

Os acontecimentos constroem suas próprias relações, seus desejos. *Não dispõe de nenhuma dimensão suplementar ao que se passa sobre ele^{xxviii}, não transcende. Territórios não são preestabelecidos, podem ser múltiplos, conforme o processo se processualize, produzindo produções, produzindo processos. O desejo só pode existir quando não procuramos mais um objeto, ou objetivo. Não significa prazer, pois o prazer não deixa de ser um objetivo que foge ao processo, que vem interrompê-lo. É tudo isto, todo este plano que tem apenas um nome, Desejo, e que não tem, certamente, nada a ver com a falta ou com a “lei”^{xxix}. Imanência, atravessando a tudo e a todos. Todo o prazer é um vício, porque buscar o prazer é o que todos fazem da vida, e o único vício negro é fazer o que toda gente faz^{xxx}.*

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...

Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã – como nos desagrada!...^{xxxI}

Há que se ver o desejo, questionar, criar, não deixar que o desejo se submeta ao organizado, ao organismo. *Qualquer agenciamento expressa e faz um desejo construindo o plano que o torna possível, e, tornando-o possível, o efetua*^{xxxii}. O desejo produz forças desterritorializantes ao questionar o estabelecido, o que já se define por território de antemão. Assim, cria o singular, o novo, impensável. *Quanto mais você fizer seu próprio regime de signos, menos você será uma pessoa ou um sujeito, mais você será um “coletivo” que encontre outros coletivos, que se conjuga e se cruza com outros, reativando, inventando, predizendo, operando individualizações não pessoais*^{xxxiii}. Mais você será subjetividades desejanter. O desejo é traidor à medida que desafia, quer movimento. Este não se molda ou submete ao plano de organização, não se deixa controlar, não recebe ordens, flui. Fluxos soltos sem uma finalidade determinada, decodificados. *Somos compostos de linhas variáveis a cada instante (...) não há mono-fluxo*^{xxxiv}.

Sabem como é simples, um desejo? Dormir é um desejo. Passear é um desejo. Escutar música, ou então fazer música, ou então escrever, são desejos. Uma primavera, um inverno são desejos. Também a velhice é um desejo. Até mesmo a morte. Um desejo nunca deve ser interpretado, é ele que experimenta^{xxxv}. Como perceber esta experimentação, criar condições para que esta aconteça em todas as maneiras possíveis? Entrar em contato, se contatar, se deixa afetar. Criar máquinas desejanter que se conectem a todo tipo de desejos. Movimento de vida, questionando estruturas, buscando mais agenciamentos e conexões. Perceber por que linhas deste agenciamento se pode escapar do organismo e quais as vias bloqueadas, estratificadas. Começar, libertar. *É preciso em cada regime e em cada agenciamento descobrir o valor próprio das linhas de fuga existentes: como aqui elas são marcadas com um sinal negativo, como ali adquirem uma positividade*^{xxxvi}. Por que ter que classificá-las, institucionalizá-las, positivá-las ou negativá-las? Que ordem estabelece esta organização?

Conquistei, palmo a pequeno palmo, o terreno interior que nascera meu. Reclamei, espaço a pequeno espaço, o pântano em que me quedara nulo. Pari meu ser definitivo, mas tirei-me a ferros de mim mesmo^{xxxvii}.

Começar já constitui desafio. Desafio, pois o plano de organização não é exterior a nós mesmos, ele existe tanto na esfera macro como na micro, somos atravessados por este plano. Somos atravessados pelos agentes potentes, poderosos, estratos que controlam. Controlamos-nos a nós mesmos, mesmo porque o desejo se constitui de fora para dentro. Da dobra do fora que nos atravessa, não impulsos de dentro para fora. *O plano de imanência não tem nada a ver com uma interioridade; ele é como o De fora de onde vem todo o desejo^{xxxviii}.* Se continuarmos reproduzindo planos organizados e controladores, produziremos desejos que controlam. O desejo que produz processo surge e se desenvolve no plano de imanência e assim passa a o produzir também. O produzido é levado a outro produzir, fluxos que produzem outros fluxos, numa autoprodução, sem estratos. *Não é um plano na mente, mas um plano real imanente, não preexistente, que recorta todas as linhas, intersecção de todos os regimes^{xxxix}.*

Não lhe falta como essência nada, apenas *falta-lhe, precisamente, as condições que tornam um desejo possível. As organizações de formas, as formações de sujeitos (o outro plano) tornam o desejo “impotente”: elas o submetem a lei, elas introduzem nele a falta^{xl}.* A falta é uma criação que nega o desejo, produz medo de não encontrar uma completude essencial predeterminada. O desejo é produzir na realidade, não em uma realidade psíquica individual exterior ao fora, independente. É criar novas condições desterritorializantes ... *a divina irrealidade das cousas^{xli}.* Errância. *O desejo é inseparável de um plano de consistência que é preciso, a cada vez, construir peça por peça (...), certamente, não sem risco nem perigo^{xlii}.*

Ao passo que o desejo acontece à medida que cria suas próprias condições para acontecer, este não se encaixa em uma condição faltante, mas sim produtora, ativa não passiva. *É o processo imanente do desejo que se preencha de si mesmo. (...) Tudo é permitido, com exceção do que vier*

interromper o processo completo do desejo, o agenciamento^{xliii}. O desejo está incluído em suas motivações, não busca algo exterior a si, cria-se a si mesmo, se confunde com o que vai criando. Teremos um conjunto de intensidades e de fluxos que delineiam um “mapa” particular^{xliiv}. Um começo seria a tentativa de criar mapas desenhados no real. Mapas que levem a caminhos nunca antes pensados ou experimentados. Ou mesmo perceber os mapas que já estão sendo criados e não excluí-los, mas libertá-los, incorporá-los. A partir do momento em que as saídas são múltiplas^{xliv},

ⁱ Pessoa, 2011, p. 61.

ⁱⁱ Deleuze e Parnet, 1998, p.83.

ⁱⁱⁱ Idem, p. 86.

^{iv} Pessoa, 2006, p. 15.

^v Deleuze e Parnet, 1998, p. 64.

^{vi} Idem, p. 65.

^{vii} Idem, p. 74.

^{viii} Idem, p. 72.

^{ix} Idem, p. 78.

^x Idem, p. 99.

^{xi} Pessoa, 2006, p. 7.

^{xii} Deleuze e Parnet, 1998, p. 73.

^{xiii} Pessoa, 2006, p. 18.

^{xiv} Deleuze e Parnet, 1998, p. 74.

^{xv} Idem, p. 74.

^{xvi} Idem, p. 72.

^{xvii} Idem, p. 72.

^{xviii} Pessoa, 2006, p. 11.

^{xix} Deleuze e Parnet, 1998, p. 94.

^{xx} Pessoa, 2006, p. 10.

^{xxi} Deleuze e Parnet, 1998, p. 75.

^{xxii} Idem, p. 75.

^{xxiii} Idem, p. 95.

^{xxiv} Pessoa, 1980, p. 94.

^{xxv} Deleuze e Parnet, 1998, p. 74.

^{xxvi} Idem, p. 98.

^{xxvii} Idem, p. 75.

^{xxviii} Idem, p. 76.

^{xxix} Idem, p. 77.

^{xxx} Pessoa, 2006, p. 46.

^{xxxi} Pessoa, 1980, p. 78.

^{xxxii} Deleuze e Parnet, 1998, p. 78.

^{xxxiii} Idem, p. 97.

^{xxxiv} Idem, p. 83.

^{xxxv} Idem, p. 77.

-
- xxxvi Idem, p. 97.
xxxvii Pessoa, 2011, p. 59.
xxxviii Deleuze e Parnet, 1998, p. 78.
xxxix Idem, p. 99.
xl Idem, p. 78.
xli Pessoa, 2006, p. 59
xlii Deleuze e Parnet, 1998, p. 80.
xliii Idem, p. 81.
xliv Idem, p. 86.
xlv Idem, p. 83.

Transitando sobre o Corpo sem órgãos

Tenho que escolher o que detesto – ou o sonho, que a minha inteligência odeia, ou a ação, que a minha sensibilidade repugna; ou a ação, para que eu não nasci, ou o sonho, para que ninguém nasceu.

Resulta que, como detesto ambos, não escolho nenhum; mas, como hei de, em certa ocasião, ou sonhar ou agir, misturo uma coisa com a outraⁱ.

*tudo é permitido: o que conta somente é que o prazer seja o fluxo do próprio desejo, (...) quer dizer, do plano de consistência que ele traça no decorrer do seu processoⁱⁱ. Ao criar um plano de imanência, o que passa a ser possível é o desejo. Passa-se a desejar, movimentar. Neste processo, é preciso a tentativa de criar para si um Corpo sem Órgãosⁱⁱⁱ. Designá-lo sem órgãos, não quer dizer que este seja contra, principal e diretamente, os órgãos, mas sim, contra a sua organização e estratificação, o organismo. Contra a codificação, delimitação, contorno excessivo do corpo, da identidade, contra o instituído. Ora, as questões são múltiplas: não somente como criar para si um CsO^{iv}, mas também como produzir as intensidades correspondentes sem as quais ele permaneceria vazio? ^v Como permitir o desejo, criar condições para que este possa transitar, sem que se traduza por instâncias exteriores? Como permitir uma livre experimentação, real, sem, necessariamente, ter que compreender seu sentido ou ao que se pretende; *arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito^{vi}?**

O CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja^{vii}. Ou seja, a questão de como criar para si um corpo sem órgãos passa diretamente pela questão de como permitir o desejo. Como permitir um meio onde se entre sem que se saiba aonde se quer chegar? Um meio onde o que se cria não tem que responder a instâncias superiores ao que está se criando. Um meio vivo, fluido, movimentado, criativo. Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas^{viii}. Ação,

criação, mudança, fuga. Práticas no sentido de transformar seu meio no que se quiser, no que se fizer, no que se experimentar. Prática, não teoria. Experimentação inevitável e em todos os sentidos, sem forma ou figura. Permitir a desterritorialização. *Algo vai acontecer, algo já acontece*^x.

Em cada caso, definir o que passa e o que não passa, o que faz passar e o que impede de passar^x. Criar um corpo sem órgãos não significa acabar com todo e qualquer estrato, mas perceber por onde se pode começar a fluir, ou começar a fugir. Aos poucos, pois uma desestratificação brutal pode ocasionar uma reterritorialização, uma codificação mesmo que em sentido diferente do que se desafiou. Ou pode-se criar um corpo que também não deseja ou cria, *um corpo sem órgãos que quebrasse todos os estratos, se transformaria imediatamente em corpo de nada, autodestruição pura*^{xi}. É necessário prudência. *E se o CsO é um limite, se não se termina nunca de chegar a ele, é porque há sempre um estrato atrás de um outro estrato, um estrato engastado em outro estrato*^{xii}. Não se pode provocar uma desterritorialização absoluta, ou abrupta, mas há que se começar de algum lugar, não tem lugar certo, mas tem que fluir, permitir as intensidades que brotam do desejo, arriscar.

Saber que será má a obra que se não fará nunca. Pior, porém, será a que nunca se fizer. Aquela que se faz, ao menos fica feita. Será pobre mas existe (...). Um tédio que inclui a antecipação só de mais tédio; a pena, já, de amanhã ter pena de ter tido pena hoje – grandes emaranhamentos sem utilidade nem verdade, grandes emaranhamentos...^{xiii}

Com que prudência necessária, a arte das doses e o perigo, a overdose. Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina^{xiv}. Por mais que se queira criar um plano de imanência, este coexiste ao plano de organização. O plano de imanência é criado em meio ao plano de organização, não se consegue destruir este segundo completa e totalmente. No entanto, o plano de imanência repele tudo que venha querer ordenar os fluxos que o compõem. Fluxos decodificados. *O CsO não para de oscilar entre as superfícies que o estratificam e o plano que o libera*^{xv}. Por isso a prudência é

tão necessária, sem esta não se faz possível uma experimentação, um transito entre os planos, mas a destruição total do corpo. Um corpo desejanste, que produz produzires, um corpo que consegue se perguntar por onde ir a cada contexto, a cada desejo, sem ter que ser interpretado. Não um corpo povoado apenas por fluxos de destruição, mas *ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra^{xvi}*.

Não se trata do corpo de um sujeito aprisionado por uma natureza eternamente conflitante, mas de uma subjetividade que é criada e cria seu meio constantemente. *Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram^{xvii}*. A ideia de conflito aprisiona, faz com que tudo que se sente tenha uma interpretação explicada pelo conflito; interpretação que apazigua nossa máquina criadora, nossa máquina desafiante, nosso possível corpo sem órgãos e os universos possíveis que se cria com este. *Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passam e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, (...) em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais^{xviii}*. Apaziguar nossas máquinas faz com que nos acostumemos com nossos territórios conhecidos e constantes, faz com que não nos desafiemos em direção à multiplicidade singular de nossos desejos.

Tendo em vista com que lucidez e coerência lógica certos loucos justificam, a si próprios e aos outros, as suas ideias delirantes, perdi para sempre a segurança da lucidez da minha lucidez^{xix}. Perder nossas seguranças é construir um corpo sem órgãos. Não ter segurança nem sobre o delírio e nem sobre a lucidez, mas confundi-lo, assim como o dentro se confunde com o fora em nosso movimento subjetivo. Questionar-se, não postular ou delimitar até onde vai a lucidez e onde não se está mais lúcido. A partir do momento que não há mais uma ordem inabalável, um código soberano, a loucura não pode mais ser o que não se ordena, o que não se insere, o que é marginalizado. Passa-se a tratar de experimentações desejanstes singulares, sem que uma se sobreponha a outra. *E quanto ao sujeito, como fazer para nos deslocar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante^{xx}*? Como fazer para criar espaços que permitam diversas formas de

loucura sem que estas signifiquem enlouquecimento, sem estas sejam excluídas? Não criar universais, mas possibilidades, dimensões desejanter.

Não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares^{xxi}. Não se cria um CsO particular, mas pode-se criar condições para que ele aconteça. É uma atitude política, coletiva, prática; uma superfície de intensidades, movimento intenso. A preocupação é com as subjetividades possíveis, não com conflitos e significados pessoais. Trata-se de respeitar o impessoal, em condições tais que o corpo sem órgãos substitui o organismo, a experimentação substitui toda a interpretação da qual ela não tem mais necessidade^{xxii}. Neste sentido, pensar a loucura, não como uma vivência particular, mas como uma dimensão dos fluxos produzidos por nosso meio. E se a subjetividade não tiver mais que se definir por um Eu, o que passa a ser a loucura?

Isto

Dizem que finjo ou minto

Tudo que escrevo. Não.

Eu simplesmente sinto

Com a imaginação.

Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,

O que me falha ou finda,

É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.

Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio

Do que não está ao pé,

Livre do enleio,

Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!^{xxiii}

É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades^{xxiv}. É somente ai que as singularidades transitam, que permite-se a formação de um plano de imanência onde as subjetividades criadas também criem seu entorno. Também criem o que for, contanto que criem; não há criações certas ou erradas, mas sim, criações onde não se saiba aonde se quer chegar, nas quais não haja objetivos a priori. Senão os CsO do plano permanecerão separados em seu gênero, marginalizados, reduzidos aos meios disponíveis^{xxv}.

Mesmo se considerarmos tal ou qual formação social, ou tal aparelho de estrato numa formação, dizemos que todos e todas têm seu CsO pronto para correr, para proliferar, para cobrir e invadir o conjunto do campo social, entrando em relação de violência e de rivalidade tanto quanto de aliança e de cumplicidade^{xxvi}. É necessário permitir as condições para sua realização, se implicar nele. Construir um campo de imanência onde o desejo possa se processar, todas as condições para o seu acontecimento já estão neste plano, neste corpo, não em uma ordem superior a este. Mapa de intensidade CsO^{xxvii}. Mapa real, cartografias existenciais. Corpo esquizo, que luta contra os órgãos enquanto organismo, os órgãos não são mais do que intensidades produzidas, fluxos, limiares e gradientes^{xxviii}. Por que a tentativa de organizar e teorizar tais fluxos; por que não respeitar sua natureza decodificada e desterritorializante; por que territorializá-los? O artigo indefinido é o condutor do desejo^{xxix}.

O corpo sem órgãos é oval, assim como o rizoma, ele não começa nem acaba. Ele permite afetos e atravessamentos, produz encontros, transformações; produz conexões, de qualquer ordem, ou mesmo sem ordem, produz produções. O ovo designa sempre esta realidade intensiva, não

indiferenciada, mas onde as coisas, os órgãos, se distinguem unicamente por gradiente, migrações, zonas de vizinhança^{xxx}. Migrar, não estagnar. Migrar de si mesmo, migrar de identidade, migrar de vizinhança. Esta migração se faz possível apenas ao nos questionarmos, irmos em direção do corpo sem órgãos, perguntarmos como criá-lo. É um componente de passagem^{xxxi}, é permanente, um produzir constante.

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. (...) Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade=0, mas não há nada de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias^{xxxii}. Pelo contrário, este zero permite ser povoado por movimentos de desterritorialização, matéria intensa e não formada, potência. O zero não institucionaliza; pensa-se em um fora absoluto, não em palavras de ordem. O CsO é o que resta quando tudo foi retirado^{xxxiii}. Retira-se toda sobrecodificação que se sobreponha a ele, toda instância superior que lhe dê um significado, tudo que nos afaste de enxergar as linhas de fuga possíveis e vivenciá-las. No entanto era ali que o desejo estava escondido (...) outras direções redescobertas ou desterritorializadas^{xxxiv}.

Nós não paramos de ser estratificados^{xxxv}. Nem as subjetividades extremamente estratificadas, nem as desestratificadas conseguem desejar. Ambas têm seus processos desejanter reterritorializados. Os prazeres, mesmo os mais artificiais são reterritorializações^{xxxvi}. Por isso a luta do corpo sem órgãos não se dá em relação aos estratos em si, mas ao aprisionamento que estes podem exercer; se dá em relação aos estratos que têm sua função em manter um território, impedindo a criação, a traição. Há que se resgatar constantemente a possibilidade de construir novos territórios, e os estratos nos distanciam destas possibilidades. Possibilidades por vir, devir. O CsO permite não se deixar capturar pelos estratos, mas pelas intensidades, não se tornar refém. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos^{xxxvii}.

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada

E que os pés dos pobres me estivessem pisando...

Quem me dera que eu fosse os rios que correm

E as lavadeiras estivessem a minha beira...

Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio

E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro

E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida

Olhando para trás de si e tendo pena...^{xxxviii}

Vamos mais longe, não encontramos ainda nossa CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu.(...) Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte^{xxxix} ...

ⁱ Pessoa, 2011, p. 49.

ⁱⁱ Deleuze e Guattari, 1996, p. 18.

ⁱⁱⁱ Deleuze e Guattari, 1996, p. 10. Os autores “roubam” este conceito de Artaud: “no dia 28 de novembro de 1947, Artaud declara guerra aos órgãos”.

^{iv} Abreviação usada pelos autores para *Corpo sem Órgãos*, que será usada ao longo do presente trabalho.

^v Deleuze e Guattari, 1996, p. 20.

^{vi} Idem, p. 21.

^{vii} Idem, p. 28.

^{viii} Idem, p. 9.

^{ix} Idem, p. 12.

^x Idem, p. 13.

^{xi} Idem, p. 25

-
- xii Idem, p. 21.
xiii Pessoa, 2011, p. 58.
xiv Deleuze e Guattari, 1996, p. 22.
xv Idem, p. 23.
xvi Idem, p. 24.
xvii Idem, p. 18.
xviii Idem, p. 18.
xix Pessoa, 2006, p. 52.
xx Deleuze e Guattari, 1996, p. 22.
xxi Idem, p. 24.
xxii Idem, p. 25.
xxiii Pessoa, 1980, p. 104.
xxiv Deleuze e Guattari, 1996, p. 24.
xxv Idem, p. 29.
xxvi Idem, p. 26.
xxvii Idem, p. 27.
xxviii Idem, p. 28.
xxix Idem, p. 28.
xxx Idem, p. 27.
xxxi Idem, p. 20.
xxxii Idem, p. 13.
xxxiii Idem, p. 12.
xxxiv Idem, p. 16.
xxxv Idem, p. 21.
xxxvi Idem, p. 18.
xxxvii Idem, p. 10.
xxxviii Pessoa, 2005, p. 43.
xxxix Deleuze e Guattari, 1996, p. 11.

Extrodução (ou Sem-clusão)

POEMA EM LINHA RETA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,

Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,

Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente no tapete das etiquetas,

Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,

Que tenho sofrido enxovalhos e calado,

Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;

Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,

Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado

sem pagar,

Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado

Para fora da possibilidade do soco;

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,

Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

*Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...*

*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi
vil?*

*Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?*

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

*Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.ⁱ*

A obra de Fernando Pessoa já vem me encantando e intrigando há um tempo. Não apenas por sua notória qualidade literária, mas, talvez principalmente, por sua forma heteronímica. Intriga-me o fato de uma mesma pessoa ter de criar diversas biografias para realizar diferentes produções literárias. Intriga-me o fato de personagens heteronímicos escreverem o prefácio do livro de outras personagens, sendo, todas estas, fruto da criação de uma mesma subjetividade; os heterônimos se fazem no meio dos outros mutuamente, sem ter que se definir por apenas uma forma de eu. Intriga-me o fato de que muitas pessoas devem ler a estes sem serem levadas a questionar sua própria identidade. Intriga-me o quanto esta criação tem a nos ensinar sobre o que chamamos de loucura; ou o quanto esta tem a questionar sobre nossas concepções psicológicas de sujeito, de doença, ou sofrimento, mental e muitas outras. *A inspiração poética é um delírio equilibrado (mas sempre um delírio)ⁱⁱ.*

Ler Fernando Pessoa - e todas as pessoas envolvidas nisso - e não se abalar é não entrar em contato com sua obra. Da mesma maneira, encontrar a loucura e não se desterritorializar é não considerá-la como subjetividade passível de criar e afetar seu entorno. Teorias sobre a loucura já temos muitas, falta agora o aproximar-se desta, deixando-se tocar, sem, no entanto, precisar enlouquecer. Neste sentido, no meu trabalho, não me contentei em chegar a qualquer conclusão sobre onde começa a pessoa da obra de Pessoa, pois, a meu ver, concluir algo aqui retiraria o potencial transformador que o encontro com este autor pode causar. Mesmo porque, suponho, se Pessoa tivesse escrito seus poemas de forma conclusiva, territorializada e tivesse que ter se contentado com apenas uma identidade, ele mesmo enlouqueceria; não teria sua obra ocupado um lugar tão reconhecido na literatura portuguesa e mundial, mas talvez um lugar marginal, como é o lugar que, muitas vezes, ocupa o louco. *A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Euⁱⁱⁱ.*

Em meu contato com a esquizoanálise fui, aos poucos, repensando as concepções de loucura das diversas abordagens teóricas estudadas ao longo

do curso de graduação em psicologia. Em relação a estas eu já alimentava um incomodo relativo à tentativa de teorizar a experiência da loucura e, assim, muitas vezes, acabando por não considerar este fenômeno em sua total complexidade. Tamanha complexidade, a meu ver, não esgotaria sua compreensão em qualquer teoria. Assim sendo, considero que não caberia ao psicólogo compreender ou interpretar o existir da subjetividade não inserida, ou dita louca. Mas, em seu contato com esta, possibilitar meios para o seu acontecimento, permitir mudanças; ou criar caminhos possíveis para que seu desejo possa compor e contribuir para seu meio. *Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?*^{iv} De acordo com os conceitos trabalhados aqui, cabe à psicologia permitir linhas de fuga, permitir o criar, se deixar desterritorializar e não criar territórios para os quais a loucura passa a ser explicada.

Dá-me à consciência de mim uma vontade de eu gritar. Estou escrevendo, afinal, por fuga e refúgio. Evito as ideias. Esqueço as expressões exatas, e elas brilham-se-me no ato físico de escrever, como se a mesma pena as produzisse.^v

No presente trabalho tentei esclarecer, fundamentalmente, os conceitos de rizoma, desejo, corpo sem órgãos e a noção de subjetividade proposta pela esquizoanálise. Além destes, ao longo dos textos fui transitando também pelas concepções de plano de imanência (ou consistência) e plano de organização; territórios, desterritorialização e reterritorialização; fluxos, intensidades e códigos; máquinas abstratas, agenciamentos, mapas; virtual e impessoal; multiplicidades, processos e linhas de fuga. E ainda muitos outros conceitos foram tratados, talvez não explícita, mas implicitamente. Ou mesmo os que o leitor trouxe consigo para compor nossa criação.

Optei, ao trabalhar com estas ideias, não formular frases como “Segundo a esquizoanálise...”, mas sim construir um texto fluido em que o leitor entrasse em contato com estas neste próprio fluir. Tal opção se fez de forma que o questionamento, que esta aqui sendo feito, não se resumisse no que está escrito acerca deste, mas também em sua forma. Para falar de

desterritorialização, me desterritorializei; para falar sobre rizoma, fiz rizoma, tanto aqui em meu trabalho como na forma de ler as obras com as quais entrei em contato; para falar de multiplicidade e heteronímia, me multipliquei; e por fim, para falar da loucura, não concluí, delirei. *Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio esta criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida^{vi}.*

A partir deste formato, meu intuito era permitir, ou facilitar, qualquer experimentação que se fizesse do meu texto e dos conceitos aqui apresentados. Lembrar aos leitores a existência da possibilidade de criar. Desta maneira, não se criaria apenas as minhas ideias, o meu povo ou as minhas possibilidades, mas a de todos que forem atravessados pelo meu texto. Desta mesma maneira, não me interessa aqui trazer conclusões prontas sobre o que foi levantado, mas trazer minhas questões, para que se continue pensando, e questionando. Não é que as conclusões não sirvam para nada, estas servem se fizerem com que continuemos nos movimentando. Estamos sempre nos movimentando, mas não sabemos aonde chegar. Assim sendo, as conclusões que não interessam são as que se propõem a ser um ponto final, um território inabalável. Um pouco de território é necessário, contanto que continuemos nos desterritorializando. Sempre.

Por mais que se avance em cada ciência, chega-se a um ponto onde ou se tem de decretar arbitrariamente que além de ali se não quer ir, ou de parar de cansaço, tão de inexplicável em inexplicável se vai – e em qualquer dos casos fica, quer queiramos quer não, o vago para além do ponto onde, cansados ou teimosos, paramos^{vii}.

Meu primeiro contato com a esquizoanálise se deu a partir de uma disciplina eletiva oferecida no 5º semestre de graduação em psicologia na PUC-SP. Neste contato, ao mesmo tempo em que ouvia e lia tantas ideias até então desconhecidas por mim, e, ainda assim, tão atraentes quanto inovadoras e questionadoras, parecia sentir-me à vontade com aquela discussão, sentia um conforto próprio de algo familiar. Junto a esta contradição, sentia vontade de mover-me em relação a essa tal “esquizoanálise”. Sentia que, embora não soubesse, exatamente, do que se tratava - até o momento - estes

pensamentos poderiam esclarecer muitas de minhas questões em relação à psicologia. No entanto, o semestre acabou antes que eu pudesse perceber, me deixando na companhia desta inquietude. Inquietude boa.

Como esta disciplina era de caráter optativo, suponho que aproximadamente um quinto das pessoas, que cursavam a graduação no mesmo período que eu, pode ter acesso a esta discussão. Discussão esta que, repito, foi motor para muitos de meus questionamentos; questionamentos que, por sua vez, não encontraram mais lugares nos outros semestres da graduação em qualquer outra discussão teórica. Esta experiência me levou a supor que a esquizoanálise não tem seu lugar consolidado na graduação de psicólogos, ou seja, que esta ocupa um lugar marginalizado neste espaço, nesta prática. Não cabe aqui discutir os critérios ou processos que fizeram com que esta organização se desse desta maneira, mesmo porque a esquizoanálise não se coloca como teoria psicológica, ou método psicológico, assim como outros troncos teóricos o fazem. No entanto, o questionamento que está se fazendo a partir desta reflexão é o que este fato pode dizer do espaço que a psicologia pretende ocupar em nossa sociedade. A meu ver, a discussão que a esquizoanálise traz consigo é de fundamental validade para quem se propõe a pensar a que uma prática ou intervenção psicológica se propõe nesta sociedade ou organização social.

Falar em um desejo que cria, que rompe, que não se propõe a um fim ou que é revolucionário, não é pouca coisa. Falar de uma subjetividade múltipla, heterogênea, criadora de seu fora, desterritorializa qualquer suposto diagnóstico. Falar em rizoma, propor novos formatos, não permanecer em estratos, organismos ou, então, propor um corpo sem órgãos, nada disso nos permite continuar com nossas certezas. *Ter opiniões é a melhor prova da incapacidade de as ter^{viii}.*

Com isto, coloco aqui novamente a pergunta que intitula meu trabalho. A serviço de que olhar está a psicologia? E não trago uma resposta, mas ressalto a importância de que esta pergunta seja feita para toda e qualquer intervenção que se propõe psicológica. Nossas intervenções devem se dar em um sentido de manter alguma ordem ou de permitir a cada vez novas linhas de fuga?

Devemos permitir, a cada intervenção, novos territórios, novas formas de vida, novas formas de desejar? Ou deve-se tentar incluir toda forma desejante às possibilidades já aceitas, estabelecidas e inseridas em nosso meio social? Devemos permitir a heteronímia, polifonia, multiplicidade e heterogênesse, ou continuar falando do mesmo jeito, de acordo com os mesmos discursos hegemônicos? *A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. (...) É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário*^{ix},

ⁱ Pessoa, 1980, p. 268.

ⁱⁱ Pessoa, 2006, p. 56.

ⁱⁱⁱ Deleuze, 1997, p. 13.

^{iv} Idem, p. 14.

^v Pessoa, 2011, p. 62.

^{vi} Deleuze, 1997, p. 16.

^{vii} Pessoa, 2006, p. 29.

^{viii} Idem, p. 55.

^{ix} Deleuze, 1997, p. 14.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, Félix. *O Inconsciente Maquínico: Ensaio de Esquizoanálise*. Campinas: Papirus, 1988
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- PESSOA, Fernando. *Aforismos e Afins*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livro na cidade de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus: seleção poética; seleção e nota editorial [de] Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: N. Fronteira, 1980.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ROLNIK, Suely. *Psicologia: Subjetividade, Ética e Cultura*. 1997.

Anexo

Anotações (roubadas) sobre alguns conceitos¹

Agenciamento: *noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, processo, montagem, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária. (...)*

Código/sobrecodificação: *a noção de “código” é empregada aqui numa acepção muito ampla: ela pode dizer respeito tanto aos sistemas semióticos quanto aos fluxos sociais e aos fluxos materiais. O termo “sobrecodificação” corresponde a uma codificação em segundo grau.*

Exemplo: as sociedades agrárias primitivas funcionam segundo seu próprio sistema de codificação territorializado e são sobrecodificadas por uma estrutura imperial, relativamente desterritorializada, que lhes impõe sua hegemonia militar, religiosa, fiscal, etc.

(...)

Corpo se Órgãos: *noção de Antonin Artaud que Gilles Deleuze retoma para marcar o grau zero das intensidades. (...)*

(...)

Devir: *termo relativo à economia do desejo. Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independente do fato de que possam ser ou não rebatidos sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações. Assim um indivíduo, etiquetado antropológicamente como masculino, pode ser travessado por devires múltiplos e, aparentemente, contraditórios: devir-feminino que coexiste com um devir-criança, um devir-animal, um devir-invisível, etc. Uma língua dominante (uma língua que opera num espaço nacional) pode ser localmente tomada num devir minoritário. Ela será qualificada de “língua menor”. (...)*

(...)

Esquize: sistema de cortes que não são apenas interrupções de um processo, mas encruzilhada de processos. A esquize traz em si um novo capital de potencialidade.

Esquizoanálise: enquanto a psicanálise partia de um modelo de psique fundado no estudo das neuroses, (...) a esquizoanálise inspira-se antes nas pesquisas sobre a psicose; ela recusa-se a rebater o desejo sobre os sistemas personológicos. (...)

Fluxo: os fluxos materiais e semióticos “precedem” os sujeitos e os objetos. Portanto o desejo, enquanto economia de fluxos, não é primeiramente subjetivo, nem representativo.

(...)

Máquina (maquínico): distinguimos aqui a máquina da mecânica. A mecânica é relativamente fechada em si mesma: ela só mantém com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas (...) engendram-se umas nas outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades. As máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. (...)

(...)

Plano de consistência: sejam quais forem as suas diferenças de natureza, os fluxos, os territórios, as máquinas, os universos de desejo, dizem respeito ao mesmo plano de consistência (ou plano de imanência), o qual não deve ser confundido com um plano de referência. Com efeito, estas diferentes modalidades de existência dos sistemas de intensidades não são da alçada de idealidades transcendentais, mas de processos de engendramento e de transformação reais.

Processo: sequência contínua de fatos ou de operações que podem levar a outras sequências de fatos e de operações. O processo implica a ideia de ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos. (...)

Produção desejante (economia desejante): diferentemente da concepção freudiana, o desejo, aqui, não é associado à representação. Independente das relações subjetivas e intersubjetivas, ele está diretamente em produção de produzir seus objetos e os modos de subjetivação que lhes correspondem.

Produção de subjetividade: a subjetividade não está sendo encarada aqui, como coisa em si, essência imutável. A existência desta ou daquela subjetividade depende de um agenciamento de enunciação produzi-la ou não. (Exemplo: o capitalismo moderno, através da mídia e dos equipamentos coletivos, produz, em grande escala, um novo tipo de subjetividade.) Atrás da aparência da subjetividade individuada, convém procurar situar o que são os reais processos de subjetivação.

(...)

Rizoma, rizomático: os diagramas arborescentes procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um porto central ao qual remete cada elemento local. Os sistemas em rizoma ou “em treliça”, ao contrário, podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-lo ou cercá-los. O termo “rizoma” foi tomado de empréstimo a botânica.

(...)

Territorialidade/desterritorialização/reterritorialização: a noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um espaço percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estético, cognitivos.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está

mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas máqunicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente as estratificações materiais e mentais.

A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante.

(...)

ⁱ Guatarri e Rolnik, 2005, p. 381 a 388.